

**PANORAMA DA LITERATURA
PNEUMATOLÓGICA PUBLICADA NO BRASIL
NOS ÚLTIMOS TRINTA ANOS**

Luiz Eustáquio dos Santos Nogueira

“À cristologia e, especialmente, à eclesiologia do Concílio, devem suceder um estudo e um culto novos do Espírito Santo, precisamente, como complemento indispensável do ensinamento conciliar”.¹ Se bastante tímida na Igreja católica pré-conciliar, a pneumatologia granjeou, após a convocação de Paulo VI, notável desenvolvimento. Amostras disso são as numerosas publicações relativas ao Espírito nos últimos trinta anos, muitas delas de grande envergadura teológica. Não obstante as lacunas e as deficiências na abordagem dos múltiplos subtemas relacionados à pneumatologia como um todo,² não é arriscado dizer que tem havido bons progressos na reflexão,

¹ Palavras de Paulo VI na audiência geral de 6 de junho de 1973, na cidade do Vaticano (*Doc. Catholique* 1635 /1973, p.601).

² A complexidade da pneumatologia, que se pulveriza numa variada gama de subtemas, leva-nos a pensar, com H. MÜHLEN, que o Espírito Santo jamais será objeto de um setor da reflexão teológica, pois, antes de tudo, Ele próprio configura o horizonte total em cujo âmbito se situa a teologia toda (cf. “O evento Cristo como obra do Espírito Santo”, em *Mysterium Salutis* III/8, Petrópolis, Vozes, 1974, p. 5). Segundo J. COMBLIN, é missão do Espírito unificar todos os tratados teológicos (cf. *O Espírito e sua missão*. São Paulo, Paulinas, 1984, p. 7).

inclusive sob o aspecto ecumênico, e que o Espírito volta a ser alvo das atenções dos teólogos e de toda a Igreja, findo o obscurantismo de vários séculos.

O presente estudo tem como objetivo traçar um rápido panorama da literatura pneumatológica publicada no Brasil após o Concílio Vaticano II, procurando destacar suas principais linhas de força. Sem ser exaustivos, fomos ao enalço de um número bem representativo de títulos que virá oferecer-nos uma significativa visão de conjunto. De antemão, podemos afirmar que este corpo literário, composto de produções nacionais e traduções de obras estrangeiras, confere, em linhas gerais, uma boa impressão, ainda que ressintamos a ausência, para nosso idioma, da tradução de grandes clássicos como *Una mystica Persona* (H. Mühlen, 1968), *L'Esprit Saint dans la tradition orthodoxe* (P. Evdokimov, 1970), *Le Consolateur* (L. Boyer, 1980), *Je crois en l'Esprit* —reedição em um volume (Y. Congar, 1995), entre outros.³

Nos limites desta pesquisa, iniciaremos com um rápido levantamento dos principais títulos publicados em cada uma das três últimas décadas, por vezes agregados em pequenos subgrupos temáticos, intentando, de forma diacrônica, o esboço de um genérico perfil. Num segundo momento, procederemos a uma abordagem de corte sincrônico, colocando em destaque alguns temas de maior interesse na reflexão pneumatológica atual. Uma pequena conclusão, por fim, nos conduzirá a um eixo interpretativo global do estudo feito e a uma proposta ecumênica.

1. Conspecto geral dos principais títulos publicados

1.1. Na década de 70 (de 1967 a 1970)

Y. Congar, *Se sois minhas testemunhas* (obra traduzida, Loyola, 1967): num enfoque teológico-pastoral, sintonizado com os “novos ares” do Concílio, o autor conjuga com propriedade o binômio Espírito e liberdade, refletindo sobre a nova situação vital gerada para os fiéis na Igreja.

³ A esta lista podemos ainda agregar: *Der Heilige Geist als Person in der Trinität bei der Inkarnation und im Gnadenbund: Ich-Du-Wir* (H. Mühlen, 1969), *Le Paraclet* (S. Boulgakov, 1970), *Gegenwart des Geistes. Aspekte der Pneumatologie* (W. Kasper, 1979), *Lo Spirito della vita. Per una pneumatologia integrale* - trad. orig. alemão (J. Moltmann, 1993) e a obra mais recente de R. Laurentin, *L'Esprit, cet inconnu. Découvrir son expérience et sa Personne* (1997).

H. Mühlen, “O evento Cristo como obra do Espírito Santo” — em *Mysterium Salutis* III/8 (ob. trad., Vozes, 1974): texto teológico-sistemático fundamental, onde a pneumatologia é apresentada como o fundamento da cristologia, cabendo ao Espírito ser a “mediatidade” de nossa relação bipolar com Cristo.

L. Boff, *A graça libertadora no mundo* (Vozes, 1976): obra clássica da literatura teológica brasileira, em que o autor relê a doutrina tradicional da graça sob novos oculares advindos da filosofia histórica, personalista e existencial, reivindicando o experiencial como lugar hermenêutico do amor gratuito e libertador de Deus que, no Espírito, põe-se ao lado dos pobres.

L. Suenens, *O Espírito, nossa esperança* (ob. trad., Paulinas, 1975); **R. Laurentin**, *O Pentecostalismo entre os católicos* (ob. trad., Vozes, 1977); **Vários**, *Renovação Carismática Católica: uma análise sociológica* (Vozes, 1979): estas três obras se posicionam sobre o movimento pentecostal católico emergente com enfoques bem distintos: a primeira, considerando-o como umas das maiores esperanças da Igreja pós-conciliar; a segunda, desde um prisma psico-fenomenológico, se além crítica e favoravelmente às manifestações carismáticas do Espírito; a terceira, traça um perfil sociológico e teológico da RCC, deflagrando-lhe sérias lacunas, particularmente, a ausência, entre os seus membros, de uma sã teologia da cruz, a repercutir no fraco empenho social da maioria, mais propensa ao louvor exultante.

A. Manaranche, *O Espírito e a mulher* (ob. trad., Loyola, 1976); **L. Boff**, *O rosto materno de Deus* (Vozes, 1979): enquanto o primeiro autor, com inaudita lucidez, considera a ação do Espírito em Jesus Cristo, na Igreja e na pessoa de Maria como algo desconcertante e anti-esclerosante, propiciador de liberdade e criatividade, o segundo, visando o resgate positivo do arquétipo feminino no discurso teológico, levanta a polêmica tese de uma plena autocomunicação do Espírito Santo a Maria que, no seu assentimento total a Deus, veio a ser hipostaticamente assumida pela Terceira Pessoa da Santíssima Trindade.

Recueil Schillebeckx, *A experiência do Espírito Santo* (ob. trad., Vozes, 1979): teólogos de renome, sob variados enfoques (histórico, bíblico, teológico, sacramental, psico-pastoral), consideram com acuidade crítica certos temas da atualidade eclesial, entre os quais: “Sacramento da Confirmação e Batismo”, “Espírito-Cristo-Igreja”, “o Batismo no Espírito Santo” (a propósito do movimento pentecostal), “experiência do Espírito e decisão existencial” (onde K. Rahner situa a experiência de Deus no horizonte da transcendentalidade humana).

Concilium 148, *Espírito Santo: mistério e história* (ob. trad., Vozes, 1979): numa perspectiva ecumênica, teólogos de distintas Igrejas cristãs debatem em torno de alguns temas pneumatológicos controverti-

dos: a questão histórica e teológica do *Filioque*; as relações entre “Palavra — Espírito — Ministério” e os diferentes acentos ou polarizações vigentes na práxis eclesial dos Reformados, dos “Fanáticos” (Anabatistas) e dos Católicos; vitalidade e riscos da experiência carismática e a primazia a ser dada ao discernimento dos espíritos.

1.2. Na década de 80

H. Mühlen, *Fé cristã renovada: Carisma, Espírito, Libertação* (ob. trad., Loyola, 1980): desde uma abordagem interdisciplinar, o renomado assessor da RCC alemã considera os fenômenos carismáticos por meio de uma sadia interligação entre fé e ciência.

M. F. Miranda, *Libertados para a práxis da justiça* (Loyola, 1980): segundo o autor, a missão básica do Espírito Santo consiste em universalizar, na liberdade de cada pessoa humana, a atitude fundamental de Jesus, ou seja, a obediência filial ao Deus do Reino que nos leva à práxis solidária do amor e da justiça, especialmente ao lado dos pobres.

J. Comblin, *O tempo da ação* (Vozes, 1982); *O Espírito e sua missão* (Paulinas, 1984); *A força da Palavra* (Vozes, 1986); *O Espírito Santo e a libertação* (Vozes, 1987): o conhecido autor, nas três primeiras obras, articula a pneumatologia desde o paradigma da ação histórica, como mediação da Palavra e lugar do discernimento da vontade divina. E assim prepara a última obra, um dos clássicos da teologia do Espírito produzidos no Brasil, resgatando os melhores *insights* de alguns teólogos europeus, especialmente de Y. Congar, ao mesmo tempo em que os integra à experiência do Espírito na América, sinalizada pelo resgate da ação, da liberdade, da palavra, da comunidade e da vida no meio do povo, enquanto dom de libertação, criação e santificação.

P. Tillich, *Teologia Sistemática* (ob. trad., Paulinas, 1984): com grande lisura intelectual, a obra retrata a manifestação do Espírito (“Presença Espiritual”) no homem e na história como experiência de “êxtase” não supra-naturalista, em que, mantida a estrutura da personalidade e da comunidade humana, ocorre a criação do novo ser em Cristo, em termos de “vida-sem-ambigüidade”.

João Paulo II, *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem* (Loyola, 1986): retoma alguns temas tradicionais relacionados ao Espírito numa perspectiva pouco ecumênica e fortemente cristocêntrica, restringindo o convencimento do Paráclito quanto ao pecado à consciência humana individual, em detrimento do discernimento histórico, numa clara acentuação dos aspectos mais negativos da libertação merecida pelo sofrimento redentor de Cristo.

B. Forte, *A Trindade como história* (ob. trad., Paulinas, 1987); **L. Boff**, *A Trindade e a Sociedade* (Vozes, 1987), *A SS. Trindade é a melhor comunidade* (Vozes, 1988): o primeiro autor serve-se do pensamento dialético-histórico hegeliano para encetar uma releitura do mistério trinitário, vendo na “história” do Espírito Santo o extravasamento do amor do Pai para além do Filho, a distinção e superação da distinção no amor em Deus, ou seja, o *êxtase* de Deus para o seu outro que franqueia e unifica a liberdade *ad intra* e *ad extra* (no relacionamento com as criaturas). L. Boff, por sua vez, nas duas obras correlatas, assume o paradigma da comunidade e da sociedade como alternativa às categorias tradicionais de substância e pessoa aplicadas a Deus e postula a comunhão pericorética trinitária, isenta de qualquer subordinação, como base para a libertação social e integral. Assim como J. Comblin, entende que o Espírito realiza a sua obra pela *ação*, fazendo “dos rostos humanos transfigurados ou humilhados o seu próprio Rosto divino”.

Y. Congar, *Espírito do homem, Espírito de Deus* (ob. trad., Loyola, 1986); *A Palavra e o Espírito* (ob. trad., Loyola, 1989): no primeiro livro, sob um enfoque teológico-pastoral, o autor aborda, sem aprofundar, vários aspectos da pneumatologia, colocando em destaque certas dimensões eclesiais da vida no Espírito, como o não conformismo, o combate da carne pela caridade política, a prática da comunhão ecumênica, a emergência dos carismas na base, concluindo com uma síntese dogmática sobre a Terceira Pessoa. No segundo livro, Congar preconiza de forma sistemática onexo insuperável entre cristologia e pneumatologia, as quais remetem ao passado e ao futuro, tirando daí profundas conseqüências para a teologia fundamental, a eclesiologia, a cosmologia e a cristologia mesma, com respaldo ecumênico.

1.3. Na década de 90

J. Santa Ana et al., *A presença do Espírito nos processos históricos atuais* (ob. trad., Paulinas, 1992): neste subsídio genuinamente profético preparado para a Sétima Assembléia do Conselho Mundial das Igrejas, o Espírito Santo é apresentado como “força subversiva” vivamente atuante no mundo, cuja obra ultrapassa a devoção privada e o círculo estreito do espiritualismo individualista. O Espírito desperta nas Igrejas e na sociedade civil contemporâneas as “energias primordiais” submersas para o combate à dominação do poder econômico, estabelecendo alianças em favor da luta pela promoção da justiça, da liberdade e da paz.

E. Schweizer, *O Espírito Santo* (ob. trad., Loyola, 1993); **M. Mateos**, *A vida nova: fé, esperança e caridade* (ob. trad., Vozes, 1993): desde um

enfoque bíblico-existencial, o exegeta evangélico oferece-nos um belíssimo livro, extraindo do AT e do NT quatro características fundamentais do Espírito: autonomia divina (uma “força estranha”), ação criadora e recriadora (“olhar transfigurador”), origem do conhecimento de Deus (doador da fé em Jesus crucificado), primícia do Reino definitivo (graça de Ressurreição). O segundo biblista, jesuíta católico, relê o tratado clássico da graça e das virtudes teológicas sob o prisma da libertação, postulando uma espiritualidade da vida protagonizada pelo Espírito, enquanto sujeito transcendente de interioridade, liberdade e solidariedade humano-cristã.

R. DeGrandis, *O repouso no Espírito* (ob. trad., Loyola, 1989); *O dom da profecia* (ob. trad., Loyola, s/d); *O dom dos milagres* (ob. trad., Loyola, 1992); *O dom das línguas* (ob. trad., Loyola, 1994): em todas estas obras, sem respaldo crítico consistente, quer bíblico, teológico ou científico, o autor retrata algumas manifestações psicomotoras e psicoafetivas correntes junto a grupos carismáticos, passíveis inclusive de indução mecânica (línguas) ou mental (repouso), atribuindo-as sem mais ao Espírito Santo, desde um horizonte supranaturalista indiscutivelmente mal discernido.

B. Juanes, *Que é a RCC?* (ob. trad., Loyola, 1994); *A cura física e interior* (ob. trad., Loyola, 1994); *Falar em línguas: palavra de sabedoria, palavra de ciência, fé carismática* (ob. trad., Loyola, 1997); **K. McDonnell e G. Montagne**, *Iniciação cristã e batismo no Espírito* (ob. trad., Louva-a-Deus, 1995): B. Juanes, bem mais moderado e razoável que R. DeGrandis, considera em seus livros a experiência dos dons carismáticos na Renovação, partindo do princípio de que o Espírito serve-se da natureza humana, particularmente do psiquismo profundo ou inconsciente, para atuar nas pessoas e libertá-las. Os autores seguintes, perpassam exaustivamente o NT e a tradição pós-bíblica primitiva para concluir, desde vários testemunhos, que o “batismo no Espírito”, isto é, o despertar do Espírito com seus dons sensíveis, configura um elemento essencial da “Iniciação cristã” na Igreja das origens.

J. Moltmann, *Doutrina ecológica da criação: Deus na criação* (ob. trad., Vozes, 1993); **L. Boff**, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres* (Ática, 1995): dois trabalhos ricos e instigantes, que estendem para o âmbito da gestação do cosmo inteiro a ação do Espírito Santo, até algum tempo atrás restrita apenas à obra de recriação e santificação do homem. Ambos os autores insistem na presença do Espírito na criação, tendenciando-a à unificação, cujo dinamismo criador convide o universo à comunhão mediante a rica rede de relações que se forja entre os viventes.

L. E. Nogueira, *O Espírito e o Verbo: as duas mãos do Pai, a questão pneumatológica em Y. M.-J. Congar* (Paulinas, 1995): nesta dissertação

de mestrado, que organiza e sintetiza a extensa obra pneumatológica do insigne teólogo francês, a missão do Espírito na criação, no homem e na Igreja é vista dialeticamente interligada à missão do Filho, de modo a corrigir possíveis desvios no Cristianismo, quer para um eclesiocentrismo juridicista paralizante, quer para um autonomismo espiritualista alienante.

E. Johnson, *Aquela que É: o mistério de Deus no trabalho teológico feminino* (ob. trad., Vozes, 1995); **L. Scherzberg**, *Pecado e Graça na teologia feminista* (ob. trad., Vozes, 1997): duas obras de peso escritas por teólogas católicas que enriquecem a teologia do mistério trinitário e a teologia da graça hodiernas com preciosos *insights* antropológicos e pneumatológicos feministas. Na primeira obra, o Espírito-Sophia representa o movimento imanente ao mundo do Deus vivo transcendente, em sua paixão criadora pela vida e liberdade das criaturas todas, a deslegitimar as estruturas patriarcais vigentes na sociedade e na Igreja, obstáculos para a reciprocidade do amor comunitário. Na segunda obra, atribui-se à pneumatologia a tarefa de intermediar, no conjunto da reflexão teológica, imanência e transcendência divina, liberdade humana e soberania de Deus, natureza e graça, auto-realização e altruísmo, experiência mística pessoal e ação sócio-política, numa inter-relação harmoniosa, não dualista e criadora, das várias polaridades, bem peculiar à percepção da mulher.

Concilium 265, *Movimentos Pentecostais: um desafio ecumênico* (ob. trad., Vozes, 1996); **Perspectiva Teológica 76**, *Pentecostalismo: as Igrejas entre a Renovação e a Desagregação* (1996): ambas as revistas dedicam um fascículo praticamente inteiro para tratar do instigante fenômeno dos movimentos pentecostais, que explode em todas as sociedades do mundo ocidental, sobretudo junto às massas populares, desafiando teológica e pastoralmente, tanto o catolicismo quanto o protestantismo histórico.

F. Rolim, *Pentecostalismo: Brasil e América Latina* (Vozes, 1995); **A. Corten**, *Os pobres e o Espírito Santo: o Pentecostalismo no Brasil* (1996); **R. Prandi**, *Um sopro do Espírito* (EUSP, 1997): os três autores tratam da problemática pentecostal sob o viés histórico-sociológico. Enquanto o primeiro analisa, na cultura popular, o deslocamento devocional da crença no poder supra-social do santo protetor à fé irrestrita no poder divino, o segundo interpreta a efervescência das seitas como “a revanche do antipolítico dos pobres”, mantida pela tensa oposição de dois mundos, o divino e o demoníaco, ao passo que o terceiro concentra a sua pesquisa no movimento da RCC brasileira, considerando-o reacionário, seja no campo da intimidade moral-familiar, seja na esfera da vida pública, além de julgá-lo pouco afinado, se comparado às CEBs, ao genuíno *ethos* popular do pobres.

Lina Boff, *Espírito e Missão na obra de Lucas – Atos* (Paulinas, 1996); **Revista de Cultura Bíblica 77/78**, *Espírito Santo e Bíblia* (Loyola, 1996); **H. Matos (org.)**, *O Espírito Santo: fonte de vida* (O Lutador, 1997): na primeira obra, um ensaio de pneumatologia narrativa lucana descreve o protagonismo do Espírito na vida de Jesus e na *démarche* eclesial-missionária dos primeiros cristãos, com especial destaque à participação das mulheres. Na obra seguinte, vários biblistas brasileiros enfocam temas diversos relacionados à experiência do Espírito Santo no ontem e hoje das comunidades cristãs, retratando o *midrash* de Pentecostes como festa da nova aliança e o batismo no Espírito como efusão dos dons outrora prometidos, numa tensão escatológica que pede o discernimento histórico constante. Por fim, a última obra resgata o essencial da mensagem bíblica sobre o Espírito, extraindo dela os fundamentos para uma autêntica espiritualidade cristã.

J. Pixley, *Vida no Espírito: o projeto messiânico de Jesus depois da Ressurreição* (ob. trad., Vozes, 1997); **V. Codina**, *Creio no Espírito Santo; pneumatologia narrativa* (ob. trad., Vozes, 1997): ambos os autores trabalham a pneumatologia em chave histórico-profética, conscientes de que a celebração do Espírito no continente latino-americano não pode estar desvinculada da luta pela justiça em favor dos pobres. Enquanto Pixley, desde um ponto de vista ecumênico metodista, recupera a experiência do Espírito vivificador dos corpos nas origens do movimento formado por Jesus e esforça-se por tecer um diálogo crítico entre pneumatologia e ciência moderna, desmascarando os sistemas totalizadores que seqüestram a vida do povo, Codina narra o caminho percorrido pela Igreja Católica neste segundo milênio, desvendando-lhe os sinais, seja de esquecimento seja de presença viva do Espírito profético de Cristo. Diante das perplexidades e mudanças do atual contexto mundial e eclesial, fonte de inquietação para a reflexão teológica latino-americana, o conhecido teólogo jesuíta vê como sinal da novidade do Espírito a emergência de um novo paradigma, o “cultural”, a instigar novos “lugares teológicos” para uma pneumatologia autóctone: a religião, a terra, a mulher, os grupos indígenas e afro-americanos, a festa e os ritos populares.

Comissão Teológico-histórica do Grande Jubileu do ano 2000, *“Senhor, a terra está repleta do teu Espírito”* (ob. trad., Paulinas, 1997): com expressiva sensibilidade ecumênica, esta obra recolhe o que há de melhor na tradição patrística grega e latina e propõe uma teologia geral do Espírito centrada na antropologia da graça, ou seja, na deificação do ser humano mediante a restauração de sua “condição icônica”.

B. Kloppenburg, *Paráketos: o Espírito Santo* (Vozes, 1998); **R. Cantalamessa**, *O Canto do Espírito* (ob. trad., Vozes, 1998): seguindo um enfoque mais doutrinário e moralizador, o primeiro autor reco-

lhe, primeiramente, alguns temas da pneumatologia católica tradicional para em seguida discorrer sobre a RCC e os fenômenos carismáticos, estabelecendo um paralelo entre os cultos pentecostais e as sessões espíritas. O autor italiano, por sua vez, propõe-se a compor uma pequena suma teológica sobre o Espírito Santo, pela meditação dos versos do clássico hino *Veni Creator*, construindo uma espiritualidade delineada, especialmente, a partir da ação interior da graça nos corações e das demandas individuais de santificação.

1.4. *Esboço de um perfil*

Uma visão de conjunto das obras supra-mencionadas permite-nos estabelecer alguns paralelos e descortinar, com relativa segurança, um prisma articulador ou enfoque dominante para cada década apresentada. Conforme o nosso parecer, prevalece na década de 70 o enfoque *dogmático* (predomínio da razão), na década de 80, o *histórico* (predomínio da práxis), e na década de 90, o *existencial* (predomínio da experiência).

A década de 70 revela uma pneumatologia incipiente que procura o seu estatuto próprio através do diálogo fértil com várias disciplinas ou tratados teológicos mais consistentes. Nos dez títulos contemplados neste estudo, referentes a esta fase, teólogos sistemáticos contactam a temática do Espírito Santo com as áreas da cristologia, eclesiologia, antropologia teológica, sacramentologia e mariologia, estabelecendo, também, um diálogo sistemático, intra-teológico com o fenômeno pentecostalista católico emergente. Como já salientamos, percebe-se na literatura deste período uma preocupação mais incisiva com os fundamentos teóricos de uma nova dogmática sobre o Espírito em gestação.

A década 80 caracteriza-se pelo uso quase generalizado do paradigma histórico, que tanto marcou o conteúdo e o método da teologia da libertação. A preocupação com a historicidade do pensar teológico e com o caráter imperativo da *práxis histórica*, como razão verificadora da verdade do Espírito, constitui um traço quase unânime no conjunto de obras consideradas, inclusive nas de origem estrangeira. Ressalte-se a simpatia de Y. Congar e de B. Forte para com a teologia latino-americana e a forma insistente com que P. Tillich dissolve o imaginário supranaturalista do êxtase cristão, postulando uma experiência histórica do Espírito.

A década de 90, por fim, contempla o surgimento de uma coletânea bem mais numerosa e diversificada de títulos, se comparada às décadas anteriores. Não obstante a heterogeneidade das publicações, tanto com respeito à sua qualidade quanto à variedade dos temas

propostos (espiritualidade e pneumatologia bíblica, espiritualidade da libertação, pentecostalismo no Brasil e na América Latina, experiência carismática, Espírito e cristologia, Espírito e cosmologia, pneumatologia feminista, Espírito e inculturação, Espírito e profetismo num mundo globalizado e excludente...), vemos em todas elas uma marca comum: a preocupação com os aspectos existenciais e experienciais da vida no Espírito. O resgate do místico, da “experiência de Deus”, todavia, toma direções diversas e, às vezes, até opostas. Se, para alguns, repercute em formas intimistas autocomplacentes, emocionais e evasivas de “vida espiritual”, para outros representa uma instância criativa e fecundante, desencadeadora de práxis histórica de libertação no Senhor.

2. Alguns temas em destaque

2.1. Espírito Santo e teologia trinitária

A afirmação clara do caráter analógico de todo falar teológico constitui um pressuposto hermenêutico de grande relevo, atualmente, para a *episteme* da fé. Os teólogos admitem hoje, bem mais que no passado, a dimensão fundamentalmente simbólica e doxológica da teologia. Mesmo os enunciados extraídos das Escrituras, argumentam, não são suficientes para exaurir o mistério de Deus, em sua transcendência apofática e escatológica, eivado de “assombro e promessa”.⁴ Por conseguinte, não existe uma linguagem perene sobre Deus, ficando sempre aberta a história conceitual da Trindade divina e, com ela, da Terceira Pessoa. Um estatuto inédito de liberdade possibilita à teologia hodierna ir ao encontro de novas tematizações, cada vez menos unívocas e decididamente mais plurais.⁵

No tocante à formulação do conceito trinitário, há uma forte tendência na literatura teológica recente a problematizar o antigo modelo processional greco-latino em favor do modelo pericorético trazido ao Ocidente por São Boaventura. As relações das pessoas divinas no

⁴ Cf. FORTE, B., *A Trindade como história; ensaio sobre o Deus cristão* (trad.). São Paulo, Paulinas, 1987, pp. 19-22; CONGAR, Y., *A Palavra e o Espírito* (trad.). São Paulo, Loyola, 1989, pp. 13-16; BOFF, L., *A Trindade e a Sociedade*, Petrópolis, Vozes, 1987, pp. 17-20.

⁵ Conforme o depoimento de Elizabeth JOHNSON, falar de Deus na ótica feminista não se coaduna a um discurso unitário e imediato, haja vista a experiência das mulheres de que toda posição monolítica desfavorece inevitavelmente alguma parte (cf. *Aquela que É* – O mistério de Deus no trabalho teológico feminino (trad.). Petrópolis, Vozes, 1995, p. 27).

mistério, sustenta L. Boff, “são antes de participação e revelação recíproca que de derivação hipostática. São de correlação e de comunhão e menos de produção e processão”.⁶ Há uma contradição entre igualdade e disposição hierárquica rígida no modelo processional, diz E. Johnson, que pode ser superada pela valorização do padrão relacional da mutualidade, onde aquele que doa também recebe, impedindo qualquer subordinacionismo.⁷ Após longas digressões e debates entre católicos, ortodoxos e protestantes sobre a controvérsia do *Filioque*,⁸ o resgate da “pericórese” ou da “circumincissão” pode atender à tarefa ecumênica lançada por D. Ritschl de se rever não somente o monoteísmo modalista de Agostinho e da tradição ocidental, como também o monopatrismo e a posição imprecisa do Espírito face ao Filho da tradição greco-ortodoxa.⁹

Não obstante o vigor do paradigma relacional, fica-nos, porém, uma inquietação: a abolição sem mais do modelo processional não colocaria em risco as propriedades pessoais dos Divinos Três? Certamente, como advertiu T. Stylianopoulos, os termos “geração” (*gennésis*) e “processão” (*ekporeusis*), embora bíblicos, não são decisivos em si mesmos. Por especulação racional, não é possível saber o que de fato significam. O que se espera com eles é distinguir o Filho do Espírito em sua comum alteridade para com o Pai.¹⁰ Unidade e distinção configuram o mistério em Deus, onde o pessoal (a identidade relacional) equivale, a um só tempo, ao interpessoal e ao transpessoal. A força do pessoal (*esse in*) está na ousadia do ser-para, do existir-para-além-de-si (*esse ad*). Quanto mais se comunicam e se

⁶ *Op. cit.*, p. 254. Na comunidade trinitária, os Divinos Três existem sempre um pelo outro, para o outro, com o outro e no outro (cf. *Ibidem*).

⁷ *Op. cit.*, pp. 281-283.

⁸ Cf. CONGAR, Y., pp. 115-135; RITSCHL, D., História da controvérsia sobre o filioque, em *Concilium* 148 (1979) 15-26; FAHCY, M., “Filho e Espírito: teologias divergentes entre Constantinopla e o Ocidente”, *Concilium* 148 (1979) 27-35; STYLIANOPOULOS, T., “Filho e Espírito: posição ortodoxa”, *Concilium* 148 (1979) 36-45; NOGUEIRA, L. E., *O Espírito e o Verbo: as duas mãos do Pai*. São Paulo, Paulinas, 1995, pp. 31-39; MANARANCHE, A., *O Espírito e a mulher* (trad.). São Paulo, Loyola, 1976, pp. 83-95; SANTA ANA, J., *Ecumenismo e Libertação* (trad.). Petrópolis, Vozes, 1991, pp. 139-154; COMBLIN, J., *O Espírito Santo e a libertação*. Petrópolis, Vozes, 1987, pp. 207-217; PIXLEY, J., *Vida no espírito: o projeto messiânico de Jesus depois da Ressurreição* (trad.). Petrópolis, Vozes, 1997, pp. 187-199; FORTE, B., *op. cit.*, pp. 107-129.

⁹ Cf. *art.cit.*, p. 26. Vale aqui recordar que as Escrituras, em momento algum, referem-se ao *Filioque* ou ao *a solo Patre*, conclusão a que chegaram teólogos católicos e ortodoxos, reunidos em 1950, anos antes do Concílio (cf. CODINA, V., *Creio no Espírito Santo – pneumatologia narrativa* (trad.). Petrópolis, Vozes, 1997, pp. 61-64). Como bem entendeu a questão B. FORTE, a urgência de agora está em “desenvolver uma cristologia pneumatológica dentro de uma teologia inteira e coerentemente trinitária” (*op. cit.*, p. 129).

¹⁰ Cf. *art. cit.*, p. 38.

unem uma às outras, tanto mais as pessoas divinas se distinguem e se realizam em sua identidade própria relacional.¹¹

É justamente aqui onde vemos emergir com inaudita força a figura do Espírito Santo, em sua qualidade hipostática de “relação da relação”, como aquele que supera a relação Eu-Tu introduzindo-se como o “Nós Divino”,¹² da mesma forma como faz garantir no mesmo mistério, a singularidade de cada pessoa.¹³ À luz das seqüências bíblicas pré-pascal “Do Pai *no* Espírito ao Filho” e pós-pascal “Do Pai pelo Filho *no* Espírito ao mundo”, o “Terceiro” converte-se no que há de “primeiro” na relação com a vida e o ser divinos, enquanto imediatidade mediadora de toda relação no amor eterno, seja *ad intra* seja na pura excedência do *ad extra*.¹⁴ Donde a excelência da seqüência “*No* Espírito com o Filho de junto do Pai”, destituindo pretensas subordinações e tirando do anonimato o “Elã vital amorizante” que a teologia trinitária ocidental latina ocultou no mais íntimo do mistério.¹⁵ Estabelece-se, pois, um “ethos” relacional que trará fortes conseqüências para toda a reflexão teológica, sobretudo para a antropologia-cosmológica e a eclesiologia.¹⁶

¹¹ Cf. JOHNSON, E., *op. cit.*, pp. 282-302; FORTE, B., *op. cit.*, pp. 149-151; COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, “*Senhor, a terra está repleta de teu Espírito*” (trad.). São Paulo, Paulinas, 1997, pp. 11-24.

¹² Cf. BOFF, L., *A Santíssima Trindade é a melhor comunidade*. Petrópolis, São Paulo, 1988, p. 139.

¹³ Com muito acerto, A. MANARANCHE tece este comentário de elevado significado teológico-espiritual: “Seja qual for o lugar, o fundo ou as vinculações onde procedamos [com respeito às relações intra-trinitárias], não evitaremos o limiar do êxtase: recusar franqueá-lo seria encerrar-se dentro de um ‘eu’ que, breve, viria a confundir-se com o vazio, ou tramar um ‘nós’, cujas ambigüidades não são menores. Ao vencer este dilema, o da comunhão ou da solidão, o Espírito nos ensina que todo desejo humano é convidado a realizar sua própria Páscoa: o viver-em-si e o viver-com-outros convergem numa igual morte espiritual, que lhes suprime a oposição e, com isto, possibilita o verdadeiro amor” (*op. cit.*, p. 95).

¹⁴ Cf. MÜHLEN, H., *art. cit.*, p. 6s.

¹⁵ Aqui se faz justiça à teologia oriental que vê na ação econômica expressiva do Espírito o transbordamento do ser do Pai que se revela no Filho (KASPER, W., Espírito-Cristo-Igreja, em RÉCUEIL SCHILLEBEECKX (suplemento à rev. *Concilium* 99/1974), *A experiência do Espírito* (trad.), Petrópolis, Vozes, 1979, pp. 76-78). Para a teologia latina, toda ação *ad extra* de Deus procede da natureza ou essência comum às Três pessoas, razão pela qual se esmaece na doutrina da graça a viva realidade da Graça Incrinda (cf. MIRANDA, M. F., *Libertados para a práxis da justiça; a teologia da graça no atual contexto latino-americano*. São Paulo, Loyola, 1980, p. 131).

¹⁶ Ver, por exemplo, FORTE, B., *op. cit.*, pp. 155-199; *Ibid.*, *A Igreja: ícone da Trindade* – breve eclesiologia. São Paulo, Loyola, 1987, pp. 25-61; BOFF, L., *op. cit.*, pp. 107-113; 161-69; *Ibid.*, *Ecologia: grito da terra, grito dos pobres*. São Paulo, Ática, 1995, pp. 15-62; 217-265; ALMEIDA, A. J., *Teologia dos ministérios não-ordenados na América Latina*. São Paulo, Loyola, 1989, pp. 165-206; MOLTSMANN, J., *Doutrina ecológica da criação: Deus na criação* (trad.). Petrópolis, Vozes, 1993, pp. 17-88; 350-393; 422-453; p.30: “A essência da criação no Espírito é, portanto, a ação em conjunto, e as relações manifestam a presença do Espírito na medida em que deixam reconhecer a sintonia geral. *No princípio era a relação* (M. Buber)”.

2.2. *Espírito Santo e história*

Concebido pela teologia latina como “Dom de Deus” gratuitamente oferecido às criaturas, o Espírito é também reconhecido pelas tradições cristãs como “Doador de vida”, força criadora e renovadora de todo o cosmo. Segundo as descrições vétero-testamentárias, o Espírito de Deus detém um poder ativo e dinâmico sobre a natureza e a humanidade, revestido de estranha inquietude e imprevisibilidade. Ora se aproxima, ora se distancia, com incrível liberdade, atestamos os profetas.¹⁷ Compete-lhe na história da salvação abrir o mundo de Deus à humanidade e às criaturas todas, e unificar tudo que está dividido e desfigurado pelo mal. Pois no Espírito, afirma B. Forte, tudo é criado e mantido no ser, e onde existe o ser, existe o amor, enquanto na imanência do ser transcende a bondade do Espírito.¹⁸ E se “é próprio do amor, completa Santo Tomás, mover e impelir a vontade daquele que ama em direção ao objeto amado”,¹⁹ a implantação da vida em comunhão, fraterna e solidária, liberta de toda opressão, será o maior distintivo da ação do Espírito em meio aos processos históricos.²⁰

O Espírito realiza sua obra pela *ação*. Eis o melhor contributo da reflexão teológica latino-americana para uma pneumatologia histórica. J. Comblin, maior expositor deste paradigma, desenvolve a tese de que o Espírito faz os homens entrarem no *tempo da ação*, que é seu tempo. Ação que é transformação do mundo, da sociedade e dos indivíduos e, sobretudo, dela mesma, num contínuo discernimento histórico. Suas modalidades são várias: passividade, atividade, resistência, revolução. Sejam quais forem os limites, êxitos ou riscos, não obstante a fraqueza dos instrumentos, é nela onde o Espírito acontece. Por conseguinte, fugir da ambigüidade da história não é o caminho do cristão autêntico.²¹

¹⁷ Cf. SCHWEIZER, E., *O Espírito Santo* (trad.). São Paulo, Loyola, 1993, pp. 19-23; MATOS, H. C., *O Espírito Santo: fonte de vida*. Belo Horizonte, O Lutador, 1997, pp. 15-19.

¹⁸ Cf. FORTE, B., *op. cit.*, pp. 112-114 e 160.

¹⁹ *Summa Theologiae* 1, q.36, a.1 apud JOHNSON, E., *op. cit.*, p. 211.

²⁰ Cf. COMBLIN, J., *O Espírito Santo e sua missão* (Breve curso de teologia - t. II). São Paulo, Paulinas, 1984, pp. 261-264; BOFF, L., *A Trindade e a Sociedade*, pp. 231-258.

²¹ Cf. *O tempo da ação; ensaio sobre o Espírito e a História*. Petrópolis, Vozes, 1982, pp. 352-379. O despertar do Espírito entre os povos, comenta M.-D. CHENU, ocasião práxis, fraternidade e descoberta da história (cf. “Despertar evangélico e presença do Espírito nos séc. XII e XIII”, em RECUEIL SCHILLEBEECKX, *op. cit.*, pp. 142-145). É sintomático que a ausência do Espírito e de uma autêntica teologia do Espírito coincida com a ausência da mediação da história na fé (cf. COMBLIN, J., *A força da Palavra; “No princípio havia a palavra”*. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 119).

A teologia clássica coloca na consciência humana o lugar privilegiado da ação do Espírito, a sede subjetiva do discernimento. A Encíclica *Dominum et Vivificantem* segue o mesmo esquema.²² No entanto, retorque Comblin, manifesta-se o Espírito de modo objetivo e não tanto por fenômenos de consciência, onde o subjetivismo constitui uma constante ameaça. Segundo a teologia paulina (e joanina), a realidade é quem nos diz o que fazer, estando nos frutos da ação o seu melhor critério e meio de discernimento.²³

Enriquecendo a perspectiva lançada, sob um enfoque feminista, E. Johnson descreve a ação do *Espírito-Sophia*, “movimento do Deus vivo”, intermediado pelo mundo natural, pelo plano das experiências humanas pessoais e interpessoais e pelo nível dos macrossistemas. Em todos estes meios o Espírito age como quem sustenta, faz resistir, desafia, liberta e completa. Doando vida e renovando-a, transmitindo força e poder, Ele (Ela) livra da hibernação, restaura as estruturas sociais e políticas enfermas, atua junto aos sofredores, purificando o impuro e reconciliando os pecadores. Sua paixão misericordiosa pela libertação de todos os cativos da história atesta um compromisso irrevogável de Deus com a justiça no mundo, rompendo com todos os padrões e interditos segregadores de vida e relação comunitária.²⁴

Em meio ao caos social do terceiro e quarto mundos, K. Raiser vê na luta pela justiça a luta acerca da verdadeira e falsa espiritualidade. Enquanto práxis de transcendência no interno da realidade histórica, a *vida no Espírito* ultrapassa os limites do in-

²² Cf. JOÃO PAULO II, *Carta Encíclica Dominum et Vivificantem – Sobre o Espírito Santo na vida da Igreja e do mundo* (trad.). São Paulo, Loyola, 1986, pp. 65-73; assim também: KLOPPENBURG, B., *Parákletos: o Espírito Santo*. Petrópolis, Vozes, 1998, pp. 85-88; CATECISMO DA IGREJA CATÓLICA (trad.). Petrópolis, Vozes, 1993⁴, nn. 1776 a 1802, onde lemos a conhecida citação da *Gaudium et Spes* 16: “A consciência é o núcleo secretíssimo e o sacrário do homem, onde ele está sozinho com Deus e onde ressoa sua voz”.

²³ Cf. Rm 7,4; Gl 5,16-23; Jo 15,1-2.8; COMBLIN, J., *O Espírito e sua missão*, pp. 200-203; A. CANTALAMESSA argumenta que o critério objetivo nem sempre é suficiente, sobretudo quando é preciso discernir a vontade divina em relação a um bem e outro bem; donde a importância do discernimento interior e orante dos espíritos (cf. *O Canto do Espírito – meditações sobre o Veni Creator* (trad.), Petrópolis, Vozes, 1998, pp. 341-344). Mas nem mesmo neste caso, a “objetividade” do discernimento é desfalcada, pois, seu parâmetro será sempre o que for objetivamente melhor para a comunidade e que somente o tempo dirá ao certo. Com efeito, diz COMBLIN, “a ação não vem pronta do céu e não é revelada numa intuição carismática: deve ser buscada e estudada no mundo exterior que é preciso conhecer e provar” (*O tempo da ação*, p. 357). Um brilhante estudo sobre teologia e discernimento histórico dos “sinais dos tempos” encontramos em: TRIGO, P. *Criação e história* (trad.). Petrópolis, Vozes, 1988, pp. 221-298.

²⁴ Cf. *Op. cit.*, pp. 187-220.

teresse egocêntrico, a lógica fechada da razão instrumental, com vistas à nova criação. Esta práxis pneumática subverte a lógica míope do mercado, onde a satisfação individual destitui o bem do outro.²⁵

Sendo o Espírito força profética de vida e poder, como aumentar, pergunta-se J. Santa Ana, a energia dos sem-poder perante a monocultura atual dos grandes, e sem permitir que esse poder se converta também num ídolo destruidor? Mediante o resgate, responde o teólogo, das energias primordiais, dádivas do Espírito, em suas três fontes: energias do *desespero*, do *ethos* e das *mulheres*. Energias de resistência e combate à dominação e à injustiça, orientadas para o serviço da vida pela Sabedoria divina que, pedagogicamente, convida o povo à *metanóia* (nova consciência ética), ao *enlace orgânico* (comunidade de partilha) e aos *intercâmbios* (redes regionais, nacionais e internacionais). Descortina-se daí, conclui o autor, o decisivo apelo do Espírito às Igrejas de hoje, de que utilizem todas as suas energias para a consolidação democrática da sociedade civil.²⁶

Acrescentemos, por fim, a recente contribuição de V. Codina à presente temática, quando chama-nos à atenção para o novo paradigma emergente na reflexão teológica latino-americana: o cultural.²⁷ Revendo algumas lacunas e limites da praxiologia sócio-política da libertação que marcou época em nosso continente, este teólogo descortina no novo paradigma a primazia do simbólico sobre a lógica estritamente racional. Surge, com isso, a chance de recuperar dimensões essenciais da vida do povo negligenciadas ou mesmo banidas do pensamento racionalista moderno, à sombra do qual também se instalou a teologia da libertação nas duas décadas passadas. Incorporando, pois, “o cordial, o imaginativo, o vital, o mítico, o poético”, o viés simbólico “enlaça as raízes últimas do ser humano e do povo”.²⁸ No momento presente, o Espírito convida os teólogos da América Latina a um mergulho mais despojado e despretenso na vida cotidiana do povo, dispondo-nos à solidariedade com os pobres não somente em seus

²⁵ Cf. SANTA ANA, J. *et al.*, *A presença do Espírito Santo nos processos históricos atuais* - Estudo sobre o tema da Sétima Assembléia do CMI (trad.). São Paulo, Paulinas, 1992, pp. 93-102. Disse N. Berdaiev: “Meu pão de cada dia é um problema material. O pão de cada dia de meu próximo é um problema espiritual” (*Apud Ibidem*, p. 100). A vida no Espírito consiste em afirmar a ressurreição da vida do pobre, mesmo no deserto hostil da realidade (cf. PIXLEY, J., *op. cit.*, pp. 233-239).

²⁶ Cf. SANTA ANA, J., *op. cit.*, pp. 25-63. Cf. também COMBLIN, J., “A ação do Espírito na América Latina”, em *O Espírito Santo e a libertação*, pp. 37-52.

²⁷ Para o que se segue, cf. CODINA, V., *Creio no Espírito Santo*, pp. 161-213.

²⁸ *Ibidem*, p. 175.

anseios de justiça e libertação, face às situações de pobreza que experimentam, mas também em suas manifestações culturais, religiosas e aspirações utópicas, acolhendo-os como sujeitos reais de sua própria riqueza.

2.3. *Espírito Santo e experiência da graça*

Característico dos movimentos pentecostais, seja na antiga versão do pentecostalismo clássico, seja nas formas efervescentes atuais do neopentecostalismo protestante e católico,²⁹ é sua autocompreensão da graça de Deus como experiência da imediatidade do Espírito, que se autocomunica ao fiel de forma livre e direta, suscitando maravilhamento e poder. Esta liberdade e impetuosidade do Espírito já fora observada pelos antigos profetas da Bíblia. Sem se deixar domesticar por quem quer que seja, o Sopro divino subverte as decisões e ações de pessoas e grupos, com seu imprevisível poder.³⁰

No *midrash* lucano de Pentecostes (Lc 2,1-13), as antigas profecias encontram o seu cumprimento. Numa explosão de liberdade ante a ordem impositora do mundo, o Espírito vence Babel e estabelece uma nova ordem e aliança e o surgimento do novo povo de Deus, derramando sobre todos o “fogo” de sua vitalidade.³¹ Agindo na comunidade cristã como seu principal protagonista, confere livre e prodigamente a cada um, dirá Paulo, dons e carismas espirituais para a edificação dos membros todos do único Corpo de Cristo (cf. 1Co 12,12s; 14,12). E de todas as dádivas do Espírito, a maior delas é a condição de nova criatura pela fé no Senhor Jesus (cf. Ef 2,8). Com efeito, atesta-nos as Escrituras, não reside nos sinais extraordinários, e sim, na confissão de fé e no

²⁹ Para um breve histórico e análise dos movimentos pentecostais neste século, incluindo a RCC, cf.: BARRUFFO, A., “Carismáticos”, em FIORES, S. e GOFF, T., *Dicionário de Espiritualidade* (trad.). São Paulo, Paulinas, 1989, pp. 90-92; HOLLENWEGER, W., “Raízes históricas do movimento pentecostal”, em *Concilium* 265 (1996) 8-19; LAURENTIN, R., *O Pentecostalismo entre os católicos; riscos e futuro* (trad.). Petrópolis, Vozes, 1977, pp. 213-214.

³⁰ Segundo o relato de 1Sm 19,19-24, o homem perde a noção do que faz quando Deus o experimenta de modo intenso; bem distinta é a experiência dos profetas posteriores, na qual o Espírito se une à racionalidade humana, conferindo-lhe sabedoria (cf. SCHWEIZER, E., *op. cit.*, pp. 19-23).

³¹ Cf. PIXLEY, J., *op. cit.*, pp. 245-260. Para uma compreensão teológica desmitologizada do relato de Pentecostes, tendo como pano de fundo a “festa das semanas” judaica, cf.: SCHWEIZER, E., *op. cit.*, pp. 65-67; ALDAY, S., *O Espírito Santo na Igreja dos Atos dos Apóstolos*. São Paulo, Loyola, 1989², pp.13-17; SILVA, C., “A festa de Pentecostes, festa da nova aliança”, *Revista de Cultura Bíblica* 77-78 (1996) 37-50.

amor ao próximo, a prova máxima ou “primeiro milagre” do Espírito (cf. Jo 6,19; 1Co 13).³²

Manifestações gratuitas da plenitude dinâmica do Espírito, dons e carismas animam a existência cristã e servem ao crescimento da Igreja (cf. LG 12).³³ Mas de que ordem eles são? Realidades tipicamente sobrenaturais ou virtualidades propriamente humanas? Se totalmente de Deus, desrespeita-se o homem em sua condição criatural livre; se exclusividade da natureza humana, destitui-se o Espírito de sua graça soberana. Mas pensando bem, não é próprio do Espírito, como já se falou anteriormente, intermediar os distintos, vencendo na comunhão tudo o que divide ou se mantém dualizado?³⁴ O certo é que as posições divergem a esse respeito. Enquanto alguns persistem com a “heresia sobrenaturalista” de cunho platônico-montanista,³⁵ outros assumem uma posição intermédia de corte aristotélico-tomista, vendo nos carismas a elevação sobrenatural dos talentos ou qualidades humanas naturalmente adquiridas.³⁶ No entanto, ganha sempre mais força entre os teólogos a concepção intrínseca que conjuga e integra, sem dissociações, graça e natureza humana.³⁷

Deus age, afirma P. Schoonenberg, fazendo agir. A ação do Espírito conta sempre com a mediação das pessoas. Enquanto Deus atua ontologicamente, o homem atua no plano categorial. “É verdade que tudo é ação do homem, mas nesse homem a *força ativadora* é do Espírito; é Ele quem desperta no homem novas

³² Cf. SCHWEIZER, E., *op. cit.*, pp. 74-75.

³³ Considerações teológicas e históricas em torno dos dons e carismas espirituais, desde Paulo até o Vaticano II, em: NOGUEIRA, L. E., *op. cit.*, pp. 133-142; CANTALAMESSA, A., *op. cit.*, pp. 178-197; BARRUFFO, A., *op. cit.*, pp. 88-92; JUANES, B., *Que é a renovação carismática católica?* (trad.). São Paulo, Loyola, 1994, pp. 101-119.

³⁴ Cf. WENDEL, E., “Espírito e corpo: resposta feminina”, *Concilium* 265 (1996) 70-78.

³⁵ Representante típico do carismatismo sobrenaturalista, muito cortejado pelos grupos da Renovação em todo o Brasil, R. DeGrandis concebe os carismas como milagres de Deus que, como tais, não de ser vivamente pedidos e esperados. Ser cristão, resume, significa acreditar em milagres, “respostas impressionantes à oração, normalmente instantâneas e além dos limites dos meios comuns” (cf. *O dom de milagres* (trad.). São Paulo, Loyola, 1992, pp. 12-33).

³⁶ Cf., por exemplo, CANTALAMESSA, A., *op. cit.*, pp. 180-182. Distinguindo talento e carisma, o autor afirma que o primeiro é concedido no nascimento, enquanto o segundo no batismo, mediante uma ação livre e soberana de Deus. Sendo os talentos hereditários, os carismas jamais o serão, mas podem servir-se daqueles como suporte.

³⁷ Para uma visão mais abrangente desta questão, cf.: MIRANDA, M. F., *op. cit.*, pp. 37-46; RAHNER, K., *O homem e a graça* (trad.). São Paulo, Paulinas, 1970, pp. 39-65.

possibilidades que são do próprio homem”.³⁸ Não se opõem, portanto, continua R. Laurentin, natureza e graça sobrenatural. A ação discreta do Espírito faz jorrar do mais profundo do ser humano “fontes de água viva” (Jo 7,38s; Rm 8,16). A libertação espiritual equivale a um ato de liberdade pelo qual o sujeito se liberta a si mesmo. Como meios que facultam o encontro com Deus, os recursos biológicos e psicológicos do homem não invalidam a essência mesma dos carismas, isto é, ser do Espírito Santo.³⁹

Sob este ocular intrinsecista da relação natureza-graça, o conceito de “milagre” é revisto pelos teólogos. Partindo do vocábulo *semeion*, encontrado no Novo Testamento, K. Rahner entende por “milagre” não um *facta bruta*, mas um apelo existencial que, sem suprimir as leis naturais, convida a pessoa humana a uma abertura mais profunda ao mistério de Deus. “Sinal evento”, dirá P. Tillich: causa assombro sem destruir a estrutura racional da realidade. Num contexto de fé e êxtase, o “milagre” aponta para o mistério do ser.⁴⁰

³⁸ O batismo no Espírito, em *Recueil Schillebeeckx*, p. 108. A experiência do Espírito, diz RAHNER, maior baluarte desta nova concepção da graça, corresponde ao agir transcendental da Graça Incrída no homem, co-instituindo o seu espírito. Admitir uma espécie de “revelação privada” que reduza a experiência transcendental a uma determinada circunstância particular, não passaria de uma compreensão mitológica do Espírito de Deus (cf. “Experiência do Espírito e decisão existencial”, em *Recueil Schillebeeckx*, pp. 150-153); cf. também: RAHNER, K., *Curso Fundamental da fé* (trad.). São Paulo, Paulinas, 1989, pp. 12-13.

³⁹ Cf. *op. cit.*, pp. 164; 171-174; JUANES, B., *Falar em línguas* – palavra de sabedoria, palavra de ciência, fé carismática (trad.). São Paulo, Loyola, 1997, pp. 45-56, onde o assessor da Renovação no México estabelece uma boa articulação entre psicologia e experiência carismática. Outra sólida abordagem sobre a experiência sensorial da graça, interligando fé e ciência, encontramos em: MÜHLEN, H., *Fé cristã renovada: Carisma, Espírito, Libertação* (trad.). São Paulo, Loyola, 1980, pp. 68-81; 215-226. Com grande enlevo espiritual, assim considerou o Cardeal Suenens: “Não há linha demarcatória entre o ordinário e o extraordinário (...). Deus não nos ama com um amor ordinário, ao qual faria uma exceção de tempos em tempos por meio de um gesto de amor extraordinário, desmesurado. Não, o extraordinário amor de Deus é inerente a seu ser (...). Para Deus, o sobrenatural é natural, Ele é maravilhoso para a natureza (...). É mister que aprendamos a descobrir o extraordinário amor de Deus, oculto no coração do acontecimento aparentemente mais ordinário, mais acidental. *Se crês, diz Jesus, verás a glória de Deus* (Jo 11,10)” (*O Espírito Santo, nossa esperança* (trad.). São Paulo, Paulinas, 1975², pp. 97-98).

⁴⁰ Cf. RAHNER, K., *Curso Fundamental da fé*, pp. 29-30; TILLICH, P., *Teologia Sistemática* – três volumes em um (trad.). São Paulo, Paulinas, 1984, pp. 102-104. “Milagres não podem ser interpretados em termos de uma interferência sobrenatural nos processos naturais. Se esta interpretação fosse verdadeira, a manifestação do fundamento do ser destruiria a estrutura do ser; Deus estaria dividido dentro de si mesmo, como tem afirmado o dualismo religioso”. Assim entendido, pensa o autor, o milagre assemelhar-se-ia a algo demoníaco. O grande perigo da teoria sobrenaturalista consiste em fazer de Deus um ser mágico e causador de possessão (cf. *Ibidem*, p. 103).

Chegamos, assim, a um momento importante na caracterização teológica da experiência do Espírito, servindo-nos do conceito de “êxtase espiritual” do grande teólogo norte-americano. Segundo Tillich, a experiência do repouso do Espírito nas pessoas corresponde a um *in* (um dentro) que para o espírito humano constitui um *out* (um fora). Sem destruir a centralidade do eu integrado, a experiência do êxtase cria no homem uma “vida-sem-ambigüidade”, profundamente auto-realizada e realizadora do outro. Mas existe umnexo irrevogável, adverte o teólogo, entre êxtase e revelação. Enquanto o êxtase só acontece se a mente estiver possuída pelo mistério, também a revelação apenas se viabiliza no êxtase. Não se reduzindo, pois, à emoção, a experiência extática de Deus no Espírito vai além do sentimento e também da razão.⁴¹

Com essas considerações, abre-se um sólido parâmetro interpretativo para os fenômenos carismáticos tão decantados por uma ampla literatura recente.⁴² Nossa intenção é que se evite, como bem expressou Laurentin, tomar o acessório por essencial. No caso específico da RCC, muito pode ajudar-lhe um discernimento mais claro e objetivo das experiências nela vigentes, não raro repletas de vitalidade e força de conversão,⁴³ mas igualmente vulneráveis a muitos

⁴¹ Cf. *Ibidem*, pp. 470-473; 100. “Em toda experiência extática, todas as funções de compreender e estruturar da razão são conduzidas para além de si mesmas, e também a emoção. O sentimento não está mais próximo do mistério da revelação e sua recepção extática do que as funções cognitiva e ética” (p. 101). L. BOFF enriquece a compreensão do “êxtase espiritual” distinguindo cinco experiências básicas do Espírito a nível humano: *êxtase* (experiência da singularidade da vida e de “extrema densificação” da presença do ser), *entusiasmo* (exuberância de vida, energia e poder, possibilitadora de criação e gozo), *inspiração* (pensamento conduzido por uma força maior), *comunicação* (saída de si e entrega ao outro num processo de auto-transcendência), *racionalidade e ordem* (captação, em meio ao caos, da suprema racionalidade do Espírito no processo cosmogênico). Cf. “O Espírito dorme na pedra...: habita o cosmos”, em *Ecologia: grito da Terra, grito dos pobres*. São Paulo, Ática, 1995, pp. 248-251.

⁴² Reveja a listagem dos títulos publicados na década de 90 na primeira parte deste trabalho.

⁴³ O que na linguagem corrente dos carismáticos denomina-se “batismo no Espírito” podemos aproximar, de um ponto de vista fenomenológico e teológico, à descrição anteriormente feita do “êxtase espiritual”. Sobre a índole revitalizadora do “batismo no Espírito”, sua base bíblica e seu relacionamento com o batismo sacramental e a iniciação cristã, cf.: SCHOENBERG, P., *art. cit.*, pp. 90-98; 102-109; SUENENS, L., *op. cit.*, pp. 115-126; PEREIRA, N., “O Batismo no Espírito”, *Revista de Cultura Bíblica* 77-78, pp. 71-80; LAURENTIN, R., *op. cit.*, pp. 31-52; McDONNELL, K. e MONTAGNE, G., *Iniciação cristã e batismo no Espírito* (trad.). Rio de Janeiro, Louva-a-Deus, 1995; SEPÚLVEDA, J., “‘Nascidos de novo’: Batismo e Espírito - perspectiva pentecostal”, *Concilium* 265 (1996) 122-128; DUNN, J., “‘Nascidos de novo’ - Batismo e Espírito: uma resposta protestante”, *Ibid.*, pp. 129-136; QUESNEL, M., “Batismo e Espírito - discernir o que constrói a Igreja: resposta católica”, *Ibid.*, pp. 137-142.

tipos de ilusão e lamentáveis alienações.⁴⁴ Certamente, nenhum cristão honesto poderá eximir-se do discernimento, horizonte permanente da vida no Espírito e do exercício de seus dons. Discernimento esse que há de reger-se por um critério supremo: a *imitatio Christi* no cumprimento da Palavra, que conduzirá à fruição dos frutos comunitários do Espírito, ou seja, o gozo da partilha (Cl 1,11s) e a paz entre os irmãos (Ef 4,3).⁴⁵ Fora do caminho de Jesus, não há como esperar pelo Espírito. Mística e ação, libertação interior e compromisso solidário com o próximo e mais necessitado, compõem o único caminho da santidade cristã que, sob a moção graciosa do Espírito Santo, antes de ser uma *ascensão*, corresponde muito mais a uma *assunção*.⁴⁶

3. Por uma teologia da vida “no Espírito”

À guisa de conclusão, servir-nos-emos do pensamento de alguns teólogos para traçar um eixo interpretativo global de todo o panorama pneumatológico abordado neste estudo, e também propor um engate mais ecumênico para as novas teologias *do e no* Espírito.

Iniciemos com esta pergunta: como discernir a ação do Espírito no mundo e em cada criatura sua em particular? Esta se faz

⁴⁴ A respeito da vitalidade e dos riscos próprios à RCC, cf.: COMISSÃO TEOLÓGICO-HISTÓRICA DO GRANDE JUBILEU DO ANO 2000, *op. cit.*, pp. 136-139; NOGUEIRA, L. E., *op. cit.*, pp. 142-145; KLOPPENBURG, B., *op. cit.*, pp. 132-146; McDONNELL, K., “A experiência do Espírito Santo na Renovação Carismática Católica”, *Concilium* 148 (1979) 109-117; JUANES, B., *op. cit.*, pp. 119-121, onde o assessor carismático reconhece na Renovação o tríplice perigo do iluminismo, do subjetivismo e da apropriação.

⁴⁵ Cf. COMBLIN, J., *O Espírito Santo e sua missão*, pp. 194-197; CODINA, V., *op. cit.*, pp. 97-100; SANTA ANA, J. *et al.*, *op. cit.*, pp. 65-78; SCHWEIZER, E., *op. cit.*, pp. 117-118; BRANDES, O., “Um dom do Espírito: o discernimento”, *Revista de Cultura Bíblica* 77-78, pp. 106-112: belíssimo texto, onde o autor considera as várias formas de discernimento, entendido como “sabedoria para uma avaliação diferenciadora”.

⁴⁶ Cf. SUENENS, L., *op. cit.*, p. 126. Ante a acusação normalmente feita à RCC de haver seqüestrado o empenho social em favor do louvor intimista sem compromisso, K. McDONNELL faz esta conclamação com respeito ao “batismo no Espírito”: “A exigência da iniciação é uma renovação integral, uma conversão integral, onde a transformação interior torna-se visível nos costumes da sociedade e nas instituições. Não deve existir uma visão privada, superespiritualizada, curta e truncada daquilo que Deus deseja para a Igreja e para o mundo. A renovação interior unicamente é muito tímida para o Deus de Pentecostes” (*op. cit.*, p. 317). Para uma articulação contundente da mística com o compromisso ético-político, cf.: CASALDÁLIGA, P. e VIGIL, J. M., *Espiritualidade da libertação*. Petrópolis, Vozes, 1993; BINGEMER, M. C. e BARTHOLÓ Jr., R. (orgs.), *Mística e Política*. São Paulo, Loyola, 1994.

presente onde a vida acontece e borbulha, onde a vida se reproduz gerando ainda mais vida, e vida plena. Sua ausência acarreta o incremento do predatório, da destruição dos seres. Com efeito, a Sophia divina é “a vida da vida de todas as criaturas” (Hildegard de Bingen).⁴⁷

A missão cristã tem como parâmetro modelar a *missio Dei*. “Eu vivo e vós vivereis”, diz Jesus (Jo 14,19). Como fonte de vida, o Espírito Santo traz vida ao mundo: vida verdadeira, completa, desimpedida, indestrutível e eterna, já aqui mesmo no tempo presente. Abre o mundo a Cristo Jesus, a “Ressurreição e a vida” personalizadas. Força de Ressurreição que gera nova vida, o Espírito possibilita que os enfermos sejam curados, os excluídos novamente reintegrados, os tristes consolados. A missão divina do Espírito de Cristo, por conseguinte, se traduz em *movimento* de vida e salvação. O que Jesus trouxe ao mundo não foi uma nova religião, e sim, uma *nova vida*. Eis, pois, o grande eixo ecumênico para todas as religiões no tempo presente: a “teologia da vida”.⁴⁸

Inabitando o profundo da pessoa humana, o Espírito altera e afeta o seu ser livre por um convite intrínseco ao “êxodo”, a sair de si em direção ao outro e aos outros, numa dinâmica anti-egocêntrica de desapego e de abertura desinteressada. Desta forma, o Pneuma reproduz na pessoa o movimento trinitário: enviado pelo Pai através do Filho, o outro Paráclito nos envia em direção dos outros, substituindo o medo e o preconceito por uma disponibilidade viva e consciente para a experiência relacional. Esta sincera mas paulatina “subversão antropológica” altera de tal forma o “espaço humano”, via de regra fechado em si mesmo, que se cria um espaço alternativo comum para além dos limites fixados pelos diferentes credos, onde se chega a um conceito mais amplo de vida no Espírito.⁴⁹

Para a Igreja que caminha rumo ao novo milênio, qual é a tarefa primordial trazida pelo Espírito? Sua missão consiste não tanto em difundir uma civilização cristã, mas em construir uma “cultura da vida” pela resistência à barbárie da morte onipresente nesta terra. E para vencer a apatia social e a inércia, urge pedir

⁴⁷ *Apud* JOHNSON, E., *op. cit.*, p. 192.

⁴⁸ Cf. MOLTMANN, J., “Pentecostes e a teologia da vida”, *Concilium* 265 (1996) pp. 143-144. “O Espírito é a única possibilidade de uma missão que seja realmente universal, assim como de um diálogo entre diferentes religiões, começando por este ponto comum: a vida” (BINGEMER, M. C., “A Pneumatologia como possibilidade de diálogo e missão universais”, em TEIXEIRA, F. (org.), *Diálogo de Pássaros* – nos caminhos do diálogo inter-religioso. São Paulo, Paulinas, 1993, p. 113).

⁴⁹ Cf. *Ibidem*, pp. 114-118.

ao Espírito, com firmeza dócil, um novo ardor pelo Reino, de modo que nos possa conformar a Jesus, “o mais belo dos filhos dos homens”, que fez da *vida* o lema de sua vida, sempre repleta do Espírito: “*Eu vim para que tenham a vida, e a tenham em abundância*”.⁵⁰

Luiz Eustáquio dos Santos Nogueira, mestre em Teologia pelo CES da Companhia de Jesus (Belo Horizonte-MG). É professor de Teologia Sistemática no Instituto Dom João Resende Costa, diretor do CEFAP (Centro de Formação de Agentes de Pastoral) da Arquidiocese de Belo Horizonte e coordenador do CIT (Curso Intensivo de Teologia gerenciado pela PUC-MG nas férias de janeiro de cada ano), além de exercer a função de pároco na Paróquia Santo Inácio de Loyola. Publicou: *O Espírito e o Verbo: as duas mãos do Pai* — A questão pneumatológica em Yves Marie-Joseph Congar. São Paulo, Paulinas, 1995.

Endereço: Rua Penafiel, 65 — 30310-420 Belo Horizonte — MG

⁵⁰ Jo 10,10; cf. *Ibidem*, p. 119; MOLTSMANN, J., *art. cit.*, pp. 150-152.